

A Retomada das imagens Pitaguary: uma etnografia da memória sobre a cosmopolítica indígena e a demarcação das telas.

Alex Hermes¹

Resumo: A Retomada Pitaguary estava ameaçada de continuar a ter êxito. Acompanhei durante uma semana esse evento. Este ensaio foi produzido durante a retomada da pedreira Encantada Pitaguary. Naquele momento alianças estavam sendo forjadas entre o movimento indígena e a sociedade civil organizada aqui no Ceará. E lá estava eu no meio do terreiro da aldeia Monguba Pitaguary entre os municípios de Pacatuba e Maracanaú aqui no Ceará. Como fotógrafo fui convidado para registrar o momento fatídico do que seria uma reintegração de posse pela polícia federal no território Pitaguary. Além de um documento da resistência Pitaguary à empresa mineradora, que insiste em destruir os seres vivos nesse espaço, ele tem o caráter de historicidade da vida social. Ali a retomada permanece em pé e cresce e se renova desde 2011, data de sua primeira investida. Nesse território há um constante trabalho de preservar a memória e a cosmologia de muitos troncos velhos que tombaram para garantir a vida ao povo Pitaguary no Ceará.

Palavras-chaves: Memória, Imagem, Retomada, Pitaguary

¹ Mestrando em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRN.

Perfil do Mapa Cultural do autor: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/7607/>

The retake of Pitaguary images: an ethnography of memory on indigenous cosmopolitics and the demarcation of canvases.

Abstract: The Pitaguary Retake was threatened to continue to be successful. I followed this event for a week. This text was produced during the resumption of the Enchanted Pitaguary quarry. At that moment alliances were being forged between the indigenous movement and organized civil society here in Ceará. And there I was in the middle of the terreiro of the Monguba Pitaguary village between the municipalities of Pacatuba and Maracanaú here in Ceará. As a photographer I was invited to record the fateful moment of what would be a repossession by the federal police in the Pitaguary territory. In addition to a document by Pitaguary resistance to the mining company, which insists on destroying living beings in this space, it has the character of historicity of social life. There, the recovery remains standing and has been growing and renewed since 2011, the date of its first onslaught. In this territory there is a constant work to preserve the memory and cosmology of many old trunks that fell to guarantee the life of the Pitaguary people in Ceará.

Key-words: Memory, Image, Territorial Recovery, Pitaguary

.....

E lá estava eu no meio do terreiro da aldeia Monguba Pitaguary² entre os municípios de Pacatuba e Maracanaú aqui no Ceará. Como fotógrafo, fui convidado a me juntar ao grupo da sociedade civil e movimentos sociais para apoiar a retomada da pedreira Encantada, que teve início em 17 de novembro de 2011, como reação à possível reativação da exploração de minério na morada ancestral do povo Pitaguary. Com uma câmera fotográfica digital DSLR e pouco suporte de equipamentos, consegui produzir fotografias que documentaram, entre as poucas luzes instaladas, a recepção dos aliados da sociedade civil que ali se instalaram com suas barracas, dispostos a se juntar aos Pitaguary. Muita tensão, pouquíssimo acesso à internet, com o apoio dos ativistas e das redes sociais foi feita uma convocatória por meio da *Carta dos Pitaguary à sociedade cearense*³-

2 <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pitaguary> ; <http://adelco.org.br/centro-documentacao/terra-indigena-pitaguary/>

3 Diante de tais problemas, nós povo indígena Pitaguary, convocamos todos e todas que se solidarizam com nossa luta a nos apoiar, divulgando esta carta e se fazendo presentes conosco no distrito de Monguba-Pacatuba CE-060, KM 15, no próximo dia 21/03 (quinta-feira), véspera da data marcada para a reintegração de posse. <https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/03/16/carta-dos-pitaguary-a-sociedade-cearense/>

através do blog Acervo combate ao racismo ambiental e do Facebook. A carta fazia um apelo aos regionais. Deixava claro o contexto, local e data que a reintegração aconteceria. Alguns anos antes os Indígenas Guarani haviam conseguido chamar a atenção através das redes e uma carta⁴ que falava em “morte coletiva” denunciando a gravidade da situação que ainda vivem. Um apelo à sociedade civil que repercutiu internacionalmente. Uma entre tantas estratégias ousadas do movimento indígena.

Ao acompanhar aquele momento fatídico do que seria uma reintegração de posse pela polícia federal no território Pitaguary, mesmo consciente daquele momento histórico que estávamos vivendo, em que a autonomia política era um desejo coletivo, me levou algum tempo para começar a perceber e me dar conta dos fatos. A Retomada Pitaguary estava ameaçada de continuar a obter êxito. Neste evento pude sentir todo o peso do que estava sobre os corpos ali decididos a lutar pela sua terra de direito e ir contra uma decisão da liminar judicial, mantendo a “ocupação” do terreno que estava fora da área delimitada pela FUNAI, órgão do governo federal responsável pela demarcação das terras indígenas. Naquele ano, as lutas dos movimentos sociais estavam em muita agitação com a copa das confederações e os protestos contra o aumento da passagem dos ônibus. Eram tempos em que as imagens dos protestos começaram a povoar as telas cotidianamente. Ailton Krenak⁵ já nomeava em décadas anteriores, a demarcação das telas pelos povos indígenas, que em um movimento sem volta chegaria a ocupar sem precedente o que na época não se poderia imaginar. Uma cosmopolítica que começa a despertar interesse para além da academia.



Pedreira encantada Pitaguary

4 https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/10/121024_indigenas_carta_coletiva_jc <Acesso: 19/07/2022.

5 <http://ailtonkrenak.blogspot.com/>

O resultado naquela altura dos princípios da expansão informacional em rede mobilizou vários segmentos da sociedade civil que vinham descontentes e precisavam reagir contra os retrocessos na política internacional. O facismo e o autoritarismo junto a ofensiva aos povos indígenas, que hoje assistimos abertamente, estava mostrando que não iria tolerar desobediências.

Naquele ano de 2013, praticamente metade da população brasileira com mais de 10 anos de idade já tinha acesso à Internet, o que era algo a celebrar. Mas, ao mesmo tempo, temos que reconhecer que ainda tínhamos outra metade excluída. Esta divisão mostra a força da desigualdade social brasileira presente em todos os campos. Só em março de 2013 o Brasil ultrapassou o total de 264,05 milhões de linhas ativas na telefonia móvel, naquele momento isso representava 120 milhões de usuários de WhatsApp.

Foi por meio do trabalho ativista de tantas entidades que o Brasil conquistou, por exemplo, leis como a do combate ao racismo e de enfrentamento à violência contra as mulheres; políticas públicas como o seguro desemprego e o financiamento estudantil; programas de combate ao desmatamento e de proteção dos animais; a Lei anti-fumo e a Lei da Ficha Limpa, que nasceu da iniciativa da sociedade civil para combater a corrupção nas mais diferentes esferas no país.

No dia 27 de outubro de 2012 o ato Somos Tod@s Guarani-Kaiowa, que ocorreu em várias capitais do Brasil e em cidades no exterior, convocado por uma rede de mobilização em eventos criados no Facebook teve sua edição na capital cearense no centro da cidade de Fortaleza⁶ e isso ajudou ainda mais a organização dos povos indígenas neste Estado.

O ato, como informa o site do Observatório Socioambiental, teve a participação das comunidades indígenas do Ceará, Tapeba e Pitaguary, e se deu em apoio à luta dos índios Guarani e Kaiowa - do Mato Grosso do Sul -, ameaçados de perderem suas terras em função do avanço do agronegócio. Tive acesso ao vídeo do ato pelo canal do Youtube de Janete Melo, uma colaboradora, aliada na comunicação, ativista, geógrafa e promotora do evento Semana do Meio Ambiente. Nas imagens do ato, identifiquei a participação bem maior de não-indígenas e muitas pessoas ligadas ao PSOL do Ceará. Puxando o Ato, à frente, está o Pajé Barbosa, Francilene Pitaguary e Marciane Tapeba. As fotos que se

⁶ Ver: < <https://www.youtube.com/watch?v=-hfx6rIAy-0> > Acesso: 18/07/2022.

encontram no perfil do Facebook de Janete Melo foram tiradas por ela mesma. Outras pessoas que identifiquei, conheço e cito, já que também fazem parte dessa história, são: João Paulo Vieira, Oswald Barroso, Henrique Dídimo e Everton Damasceno.

De acordo com informações do site do Observatório Socioambiental, fazendo um paralelo com os Guarani, no Ceará, também ocorrem vários conflitos nas terras dos Tapeba (Caucaia), Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), Anacê (Pecém – São Gonçalo do Amarante), Pitaguary (Pacatuba), Tremembé (Itarema e Itapipoca), Tabajara e Kalabaça (Poranga) e Tapuia Kariri (São Benedito). A matéria tem como fonte os diversos textos e o impacto produzido pela “carta suicida” dos Guarani. A tudo isso sempre acompanha a onda de protestos e declaração de solidariedade por meio das redes sociais.

Mas, esse diálogo entre os Pitaguary e a Semana do meio Ambiente, começa com uma participação dos índios Pitaguary, no dia 09.06.2011 na praça do Ferreira, em Fortaleza – meses antes de entrar na Retomada do terreno da pedreira. O vídeo que traz o título “Dança indígena pela paz no planeta Terra”, complementa: “Uma belíssima demonstração da rica cultura e sabedoria indígena, no Coração da Cidade”⁷.

Animando as imagens

Este ensaio me acompanha e eu tento animá-lo até hoje, depois das imagens que o compõem terem sido apropriadas pelos Pitaguary para exposições e outras formas de mobilização de suas memórias e lutas, no acervo do Museu Pitaguary⁸, na escola, nos álbuns familiares. A Retomada da Pedreira encantada foi um evento emblemático onde diversos agentes da sociedade se juntaram ao povo Pitaguary na resistência e na vulnerabilidade. Os caminhos percorridos por essas imagens acumulam diversas memórias desse arquivo e das alianças que os constituíram. As montagens e desmontagem que o compõem foram entrando em sintonia com estas memórias, representações, negociações, narrativas, teorias, aprendizados, iniciações, erros e acertos. Para o antropólogo das imagens Etienne Samain, as imagens têm sua própria vida e as imagens “recusando-se

⁷ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=ETLegPW4A2Q>. Acesso: 18/07/2022.

⁸ Ver <http://www.museuindigenapitaguary.com.br/> Acesso: 18/07/2022.

dizer de antemão o que pensam ou pensarão conosco, se oferecem e se oferecerão, no nosso presente, ao mesmo tempo, como revelações, como memórias e como desejos (SAMAIN, 2012, p. 153-154).

Isto é, as imagens carregam tempos heterogêneos e montagens temporais profícuas para convocar o nosso olhar sobre a história e para acionar memórias e desejos (BRUNO, 2019, p. 201). Segundo Samain, esse campo já pode ser percebido no início do século XX, quando “Aby Warburg [...] nos inícios do século vinte, em Hamburgo, já explorava este campo das interrelações entre Antropologia, Imagens e Arte, antecipando toda uma reflexão atual”. (SAMAIN, 2014, p. 50).

Se admitirmos, deste modo, que toda imagem pertence à grande família dos fenômenos, não poderemos mais equiparar uma imagem a uma bola de sinuca ou a um prego que a tábua engole quando, nela, o martelo bate. Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante (SAMAIN, 2012a, pág. 158).

Samain faz referência às reflexões de Gregory Bateson, reivindicando a emergência de uma nova epistemologia da imagem: um pensamento sobre as imagens como o lugar das “ideias que se encontram nos fenômenos – não somente as ideias que estão na minha cabeça, mas as ideias que se entrecruzam nos fenômenos organizados – e se apresentam em forma de camadas” (BATESON, 2000, pág. 318), (BRUNO, 2019 pág. 201)

Ainda nesse campo de referenciais teóricos, devemos considerar a atual conjuntura na qual as imagens são produzidas no contexto social que predomina em nossa sociedade euroamericana. A isso se deve somar a alta circulação de imagens, alocada fortemente pelos media portáteis no mundo virtual. Estes suportes têm chamado a atenção pelo seu poder de concentração e “pasteurização da imagem”, fenômeno também tratado como patina, já que trata com imagens emolduradas e vinculadas à mídia tecnológica padronizada por softwares e plataformas virtuais e interativas da internet. Como Belting (2005) sinalizou, em tempos como esses, sempre há uma confusão entre a imagem e seus suportes. Segundo ele: “Graças a seus media, elas já possuem a presença daquilo de que elas precisam para representar. Portanto o enigma das imagens – ser ou significar a presença de uma ausência – resulta, pelo menos em parte, de nossa capacidade de distinguir imagem de médium”. (BELTING, 2005, p. 75).

Essa situação torna imprescindível que no seu trabalho o pesquisador leve a sério as fontes e suas inscrições, o que já é muito comum nos trabalhos com documentos, fotografias e materiais que quase sempre estão fora de seu contexto original de produção. Quando pouco organizados, sem a descrição do suporte material, no caso de uma fotografia, tão pouco sabemos a sua natureza. Como Marc PIAULT (1999) previa uma “modelização universal” na ordem dominante das tecnologias, assim, o “objetivo não é mais, na realidade, descrever os fatos e os objetos, mas tornar pensável a possibilidade de toda a relação e a necessidade de se estabelecer uma troca, qualquer que seja a probabilidade de realizá-la como compreensão efetiva. (PIAULT, 1999, p.18).

Com a clareza de que as narrativas são constituídas de diversos investimentos heurísticos, o investimento, também na reflexão sobre esse processo, pode ser um passo para desmistificar o trabalho científico. Faz-se necessário, portanto, encarnar os gestos e materiais em seus movimentos, dando mais legibilidade a eles e menos estatuto de objetividade, como parece ensinar o próprio PIAULT, ao dizer que:

Essa “elaboração fílmica”, isto é, o processo completo que vai da decisão de filmar até a apresentação do filme, passando por todas as negociações que levaram à realização, implica um desvelamento progressivo da intencionalidade antropológica. É aqui, em definitivo, que se encontra o verdadeiro objeto-sujeito da pesquisa”. (PIAULT, 1999, p.21).

Essa intencionalidade antropológica, deve ser a soma, conjunto do empreendimento da pesquisa, já que é ela quem acaba norteando a produção. Quando isso acontece é sinal de que o autor conseguiu extrair questões postas pelas demandas do trabalho de campo.



Francilene e Ana Clécia Pitaguary

Pensamento por imagens e a desmontagem da memória

O pensamento que me vem toda vez que retomo essas imagens é que re- faço o caminho dela pela minha própria memória. Pelos caminhos⁹ de formação pela pós-graduação, aldeias e terreiros. Com o passar do tempo fui me percebendo progressivamente comprometido, e hoje compreendo que quem não se engaja, não dura muito. Ainda antes de começar a estudar antropologia e ajustar meus interesses, eu já estava, então, significativamente comprometido com alguns temas, ao mesmo tempo que continuei realizando trabalhos fotográficos a convite dos parceiros, como o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza e a Semana do Meio Ambiente.

Quando me descobri vislumbrando com o que poderia ser uma pesquisa, em consonância com o que já havia experimentado, eu já tinha participado de exposições fotográficas - em parceria com os Pitaguary e alguns colaboradores parceiros -, inclusive cedendo imagens, montando as exposições e fomentando a ideia de trabalhar com o Museu Pitaguary. A partir dessa colaboração já iniciada, eu estava disposto a assumir um compromisso com a formação desse pequeno acervo fotográfico, dentro dos parâmetros e interesses da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

Passei, então, a ampliar essa colaboração, viajando aos encontros, reconhecendo na rede um espaço de projeção, rico em trocas de conhecimento. Assim, fui consolidando minha presença, mesmo que em alguns casos estivesse ausente fisicamente. O elemento que nos ligava eram as fotografias, que já não eram apenas oficiais ou eventuais, mas compunham um bom número de imagens da vida doméstica e do cotidiano Pitaguary que ainda continuamos a trabalhar.

9 Festival NÓIA Universitário 2021, https://festivalnoia.com.br/mostras/mostra-de-fotografias-universitarias?_gl=1*b8yaw7*_ga*MjExMjAwODk0Ny4xNjMyMTgxMjgw*_ga_W75CFV6BYQ*MTY1NzEzMDIwMS43LjEuMTY1NzEzMDIwOC41Mw; Experimentações narrativas, Antropoéticas PPGAS/UFPEL 2021, <https://www.antropoeticas.com/experimentacoes-narrativas>; Caderno Manuel Querino de Imagens 2021, PPGSA/UFRJ, <https://issuu.com/cadquerino>; Jornadas de Antropologia John Monteiro, Prêmio Mariza Corrêa, PPGAS/UNICAMP 2020, <https://jornadasjmonteiro.wixsite.com/jornadas2021/ensaios-selecionados>; Mostra NUPEPA/Imagens - ICNOVA/LAPS 7º Seminário Discente do PPGS/USP 2021 <https://youtu.be/N9m2G-eMECA>, <https://youtu.be/KZZ6IWXf7d0>, <https://youtu.be/y3a-lzOqnFc>; VIII CIRKULA, PPGA/UFPE 2021, <https://drive.google.com/file/d/1jKURR37LAY2UM1XKQtyHqekX-twWRF9y/view>; VII Jornada brasileira de sociologia PPGS/UFPEL 2021, <https://viijornadabrasileiradesociologiaufpel.wordpress.com/exposicao-fotograficaviijs/>; Projeto Bora- Rituais e Festas Populares, <https://bora.fot.br/imagem-e-memoria-rituais-e-festas-populares/>; Acesso: 18/07/2022.



Liderança Rosa Pitaguary, entre outros parentes das 14 etnias que compõem o povo indígena do Ceará.



A luta nunca acaba e o conhecimento é uma luz da mata

Durante a segunda quinzena de março de 2013 na Retomada da Pedreira Encatanda houve muitas rodas de Toré – dança Ritual dos índios do Nordeste. Os Aliados eram aparições bem vindas naquela situação. Neo hippies, vegan Bikers, ambientalistas. Derrubando cercas, como Francilene me relatou mais de uma vez nesses anos em que eu sempre retomava, desmontava e remontava o evento. Trabalho de memória. Buscava detalhes sobre a entrada no terreno. Como as pessoas dormiam, comiam, durante o primeiro ano. Ela me disse

que havia alguns registros, mas infelizmente se perderam. Os media da época eram escassos. Smartphones não eram acessíveis. Hoje na retomada as crianças brincam com eles. A população aumentou muito no terreno de mais ou menos seis hectares de convívio onde moram 48 pessoas e 15 famílias, segundo Dona Liduina. A família Gordinho, família do Pajé Barbosa e Mãe Liduina, cria cabras, bodes, cabritos, carneiros. Francilene Pitaguary filha deles me diz que são animais de defesa também. A espiritualidade, rituais e a medicina tradicional é praticada ali no cotidiano onde muitos vão atrás de cura. Até pouco tempo o Museu indígena Pitaguary, onde as imagens da retomada permaneceram muito tempo, funcionava recebendo visitas, sendo utilizado pelos Pitaguary como ferramenta de mobilização de uma museologia social indígena em rede com outros povos. Para o início de dezembro de 2022, está marcado o encontro regional de museus indígenas do Ceará. São encontros que renovam a luta, nos quais os indígenas recém formados também trazem suas pesquisas e dialogam com as imagens de acervos e memória, renovando, reinventando, compondo novas visões e imagens sobre acervo e memória.

As imagens continuam o caminho enquanto animamos elas, mas também fazem sua trilha repovoando a imaginação. Cito o trabalho etnografia da duração já clássico, da antropologia visual e da memória, das professoras Cornelia e Ana Luiza (2013), sobre as percepções da memória e da imaginação:

É nas percepções aprendidas pelo corpo que o passado sobrevive, ou, como afirmou Bergson, “as imagens permanecem” (Id. p. 60 a 70). Aqui precisamente Gilbert Durand critica sua premissa pois, entende que para ele, o filósofo, dizer que “as imagens permanecem” é o mesmo que dizer que elas duram (Durand, 1989, p. 274)”. (ECKERT, ROCHA, 2013, p. 35).

Passaremos, e elas perdurarão talvez em algum lugar, esse conhecimento continuará o trabalho. Pajé Barbosa me diz que “é importante repassar o conhecimento das rezas e curas tradicionais e espirituais”, é através delas que ele diz esperar sempre “retornar para fazer o bem”, nessa força que tem conectado a partir dessa cosmovisão que eu gostaria de continuar a pensar as imagens e as memórias.



Pajé Barbosa e Dona Liduina Pitaguary

Referências

ALARCON, Daniela Fernandes. O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia. 2013.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original publicado em 1939).

BELTING, Hans. “Por uma antropologia da imagem”. Concinnitas. Ano 6, volume 1, Número 8, julho, 2005.

BRUNO, Fabiana | Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens | TESSITURAS V7 N2 JUL-DEZ 2019 | Pelotas | RS

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza C. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas – Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

Didi-Huberman, Georges. Quando as imagens tomam posição. O Olho da História I. 1a edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. Remontagens do Tempo Sofrido. O Olho da História II 1a edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. Que emoção! Que emoção? São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa: Presença, 1980.

GELL, Alfred. Arte e Agência. São Paulo: Ubu, 2018.

GOMES, Alexandre Oliveira. Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

GONÇALVES, Marco Antônio. O real imaginado – Etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. Londres: Routledge, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O corpo. Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MICHAUD, Alain. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2010.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 89

Satiko, Rose. *Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea*, *Iluminuras*, Porto Alegre, v.14, n.32, p.113-122, jan./jun. 2013. 90

PIAULT, Marc. "Espaço de uma antropologia audiovisual". In Eckert & Monte-Mor (org.) *Imagens em foco. Novas Perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Ed Universidade 1999.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Arte de contar, exercício de rememorar: as narrativas dos índios Pitaguary*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2002

SAMAIN, Etienne. "As 'Mnemosyne (s) de Aby Warburg: entre antropologia, imagem e arte". *Revista Poiesis*, n17, 2011

_____. (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

_____. "Antropologia, Imagens e Arte: um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman". *Cadernos de Arte e Antropologia*, vol. 3, n2, 2014, pp 47- 55.

SCOTT, James. 2002. "Formas cotidianas da resistência camponesa" *Raízes*, Campina Grande, vol. 21, no 01, p. 10-31, jan./jun.

SEVERI, Carlo. *Warburg anthropologue, ou le déchiffrement d'une utopie. De la biologie des images à l'anthropologie de la mémoire*, *L'Homme*, n. 165, 2003, pp. 77-128.

_____. Le principe de la Chimère. Une anthropologie de la mémoire. Paris: Éditions Rue d'Ulm/ Presses de L'École normale supérieure, 2007. Original italiano: 2004.

Wagner, Roy. A invenção da Cultura, São Paulo: Ubu, 2018.